Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte GM
Data 3/4/2000 Pg 56
Class. 54

8 ANOS

Bons exemplos e muitos danos

O País é exemplo em reciclagem de alguns materiais, mas agride muito o ambiente

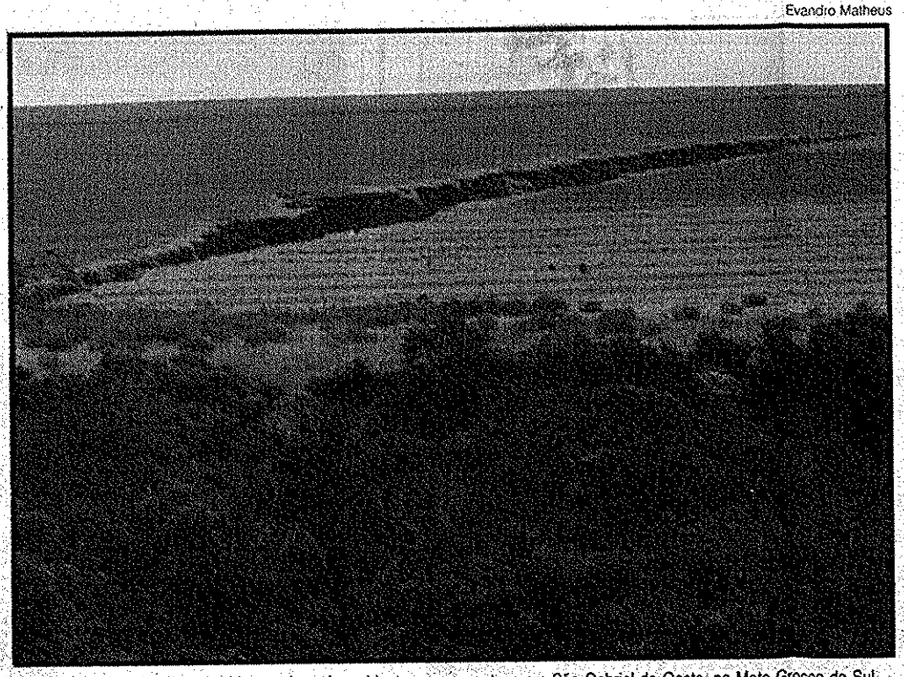
Regina Scharf
de São Paulo

O mesmo Brasil que viu uma mancha de 1,3 mil litros de óleo da Petrobras cobrir a baía de Guanabara, num dos maiores acidentes ambientais de sua história, é um dos campeões mundiais da reciclagem. O País recupera mais alumínio e papelão ondulado que os Estados Unidos ou o Japão. Só no ano passado, 5,8 bilhões de latas de alumínio descartadas foram refundidas.

Seguindo a trilha dos paradoxos, tem-se, de um lado, o empenho em levar água tratada a 91% das populações urbanas. De outro, vê-se o furor desmatador que reduziu a Mata Atlântica a apenas 7% do seu território original. Como tantos outros recordes que os brasileiros gostam de apregoar – o tamanho do Maracanã ou a alegria do Carnaval incluídos –, as conquistas e derrotas ambientais dos últimos oitenta anos também espantam pelas dimensões. A mais óbvia é a posse da maior floresta contínua do planeta e de um estoque genético sem paralelos. A riqueza biológica nacional dispensa apresentações. Nenhum outro país tem uma tal variedade de plantas superiores (mais de 50 mil espécies descritas, ou 20% do total mundial), mamíferos ou peixes de água doce (3 mil, duas vezes mais que qualquer outra nação). Pelo menos 10% das espécies de anfíbios e mamíferos e 17% das de aves são originários do Brasil.

O governo federal avalia que os serviços prestados à sociedade pelos vários ecossistemas brasileiros estejam na casa dos trilhões de dólares anuais, algumas vezes o valor do PIB nacional. Entre esses serviços estão a regulação do clima, a conservação do solo, a purificação das águas ou a produção de alimentos.

Evandro Matheus



Erosão é um dos sérios problemas de meio-ambiente como acontece em São Gabriel do Oeste, no Mato Grosso do Sul

Tais riquezas são, porém, guardadas num cofre sem tranca. Até hoje o País não tem uma lei federal que regulamente a soberania nacional e os direitos das comunidades sobre a biodiversidade, embora exista um projeto a respeito da senadora Marina Silva (PT-AC) tramitando no Congresso há cinco anos.

O potencial econômico da fauna e da flora nacional não passa despercebido. Milhares de remédios nasceram com base em materiais retirados dos quase 5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia, criados por laboratórios inspirados pelo conhecimento tradicional de índios, seringueiros ou ribeirinhos. Um dos melhores exemplos é o best-seller Capoten, desenvolvido pela Squibb a partir do veneno da jararaca e usado para combater a hipertensão. Há cálculos de que um quarto das drogas prescritas nos Estados Unidos derivam de plantas tropicais, muitas das quais, brasileiras.

Na tentativa de agregar valor às espécies nativas, o governo federal criou o Programa de Ecologia Molecular para Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia (Probem), que prevê a criação Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA). Ele deverá ser inaugurado na Zona Franca de Manaus no início do próximo ano. O Probem já garantiu R$ 1,5 milhão a fundo perdido do Banco da Amazônia (Basa) e poderá concorrer aos recursos do Fundo Permanente para a Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade da Amazônia, que já conseguiu US$ 1 milhão das Nações Unidas e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O Brasil também é o recordista latino-americano no manejo florestal sustentável – embora as áreas exploradas adequadamente ainda sejam mínimas, se comparadas com o território nacional. Pelas contas do Forest Stewardship Council (FSC), entidade internacional que credencia certificadores de manejo florestal, o Brasil já tem 668 mil hectares protegidos pelo sistema. Considerado um passaporte para mercados mais exigentes quanto à preservação ambiental, sobretudo o europeu, o selo do FSC premia empreendimentos preocupados em repor as matas num ritmo adequado ao equilíbrio dos recursos naturais. As empresas certificadas são submetidas a vistorias constantes, programadas ou não, para se verificar se cumprem as regras combinadas.

Outro recorde, este menos alardeado: o País lidera o ranking dos acidentes industriais – definição que inclui explosões, incêndios e derramamentos de produtos químicos, muitos deles com alto impacto ambiental. Conquistou essa posição, ultrapassando a ex-União Soviética e a Índia, graças a três grandes explosões ocorridas nas décadas de 70 e 80: a de um oleoduto em Vila Socó, no município de Cubatão, na baixada santista (SP), com 89 mortes; a de um trem carregado de combustíveis, na Bahia; e a de um reservatório de gás liquefeito de petróleo da Refinaria Duque de Caxias (RJ), da Petrobras.

Entretanto, a maioria dos problemas ecológicos atuais é bem mais discreta, apesar de constante e presente em todo o território. Um dos principais é a insalubridade da vida urbana. Estudo concluído pelo Banco Mundial (Bird) um ano atrás estimava que 8.500 pessoas ainda morriam prematuramente, todos os anos, por falta de água tratada e de coleta de esgotos. A poluição do ar seria responsável por outras 4 mil mortes só nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

País lidera ranking de acidentes industriais, muitos deles de alto impacto ambiental, ultrapassando a ex-União Soviética

No início deste ano, a Associação Brasileira de Entidades de Meio Ambiente (Abema), que congrega agências ambientais estaduais, como a Cetesb ou a Feema, entregou um rol com suas maiores preocupações ao ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho. A lista enumerava a escassez da água pelo mau uso e gerenciamento das bacias, a contaminação dos corpos d'água por esgotos sanitários e resíduos sólidos, a degradação dos solos, a perda da biodiversidade pelo desmatamento e as queimadas, a degradação do litoral pela ocupação desordenada e a poluição do ar nos grandes centros e queimadas na zona rural.

Para cada uma das queixas, pode ser citada uma história paradigmática. Em Goiás, por exemplo, a irrigação por pivô central consome 20 vezes mais água do que uma cidade com um milhão de pessoas, como Goiânia. Só 14% dos esgotos despejados na baía de Guanabara são tratados – isso depois de um investimento de quase meio bilhão de dólares na despoluição dessa área. Cerca de 1 bilhão de toneladas de solos são perdidos todos os anos no País devido à erosão dos solos. A lista dos problemas não tem fim. No entanto, experiências de convivência pacífica e rentável com a natureza começam a se multiplicar. ■